

# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OTTO MEZES (até ao fim deste anno)	32000
SÉMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 10 de Outubro de 1895

N. 23

## A CIGARRA

Chegou, de volta da Europa, o nosso collega, director do « *Jornal do Commercio* », Dr. José Carlos Rodrigues, a quem a *Cigarra* dá as boas — vindas.



Continúa a percorrer o Estado de S. Paulo, a serviço d'esta empresa, o Sr. João de Souza Lage, que *A Cigarra* vivamente recommenda aos seus collegas da imprensa paulista.

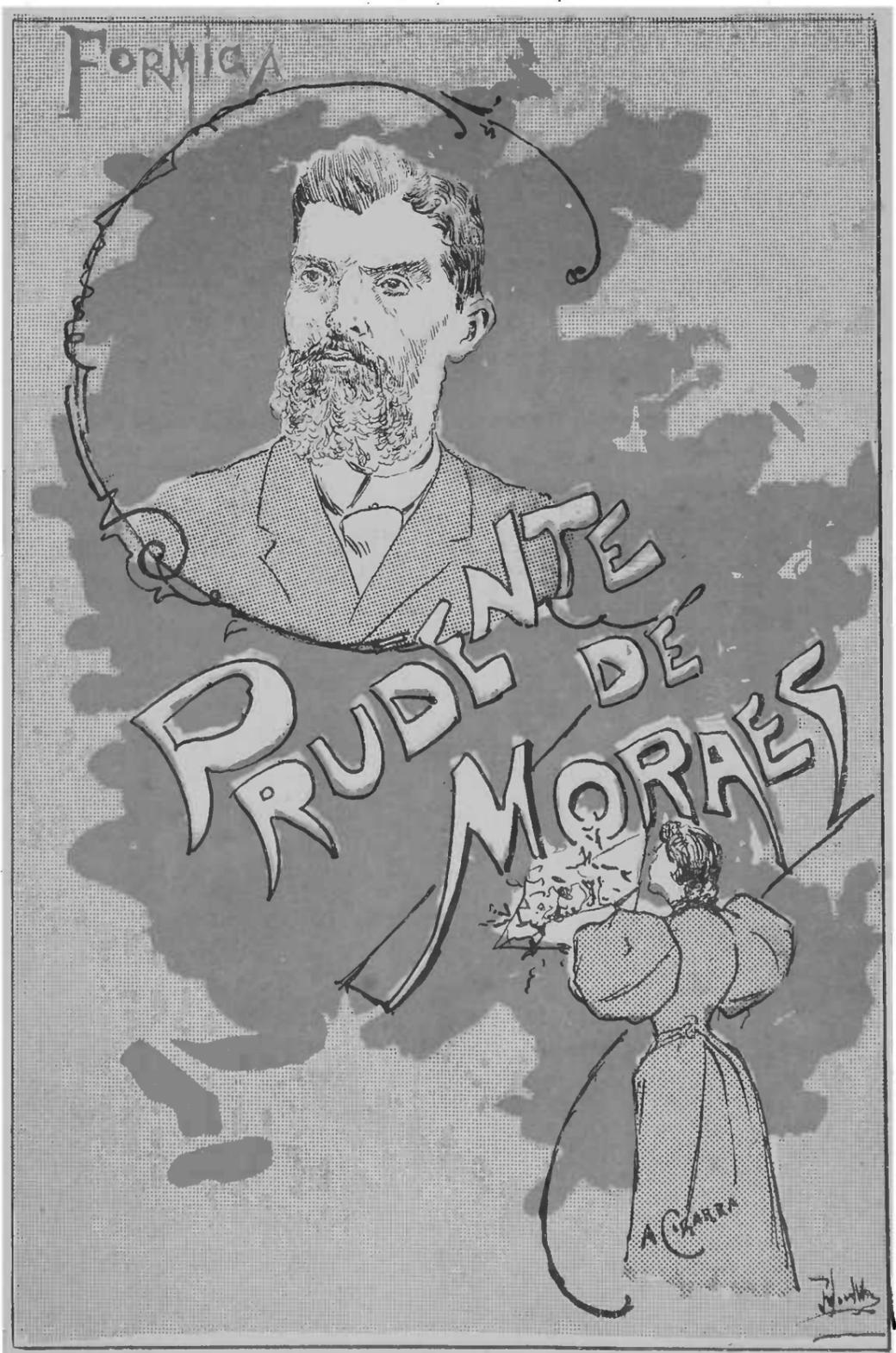


Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d'*A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas colleccões.

Fasemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



Os da *Cigarra* abraçam José do Patrocinio pelo seu anniversario passado a 8 do corrente.





O dever do chronista é ir a toda a parte. Desempenho-me tão bem d'essa obrigação, que não sei mesmo onde descubro tempo para

escrever. Já varias pessoas dizem que tenho o dom da ubiquidade. Sou visto, ao mesmo tempo, na rua do Ouvidor e no Corcovado, no incendio da *Luz Stearica* e no beneficio da Palmyra, nas pedras da fortaleza da Lage e na aléa de palmeiras do Jardim Botânico. Identifiquei-me tanto com a vida do Rio de Janeiro, que ella é hoje a minha propria vida, e eu sou todo o Rio de Janeiro. Não sei quem inventou o *homem-multidão* creio que foi Poë. Eu sou o homem—Rio de Janeiro.

Assim, no domingo passado, fui ao Hospicio Nacional de Alienados. Já sei que o facto de eu lá ter ido não vos espanta: naturalmente o que vos espanta é que, depois de lá me haverem deixado entrar, me tenham deixado sahir. Mas, lembrae-vos da anedocta celebre:

Um homem, visitando o Hospicio, encontrou um louco amavel com quem travou conversação. Perguntou-lhe: «ha muitos loucos aqui?» ao que o alienado respondeu: poucos, meu amigo, poucos! aqui só móra o estado maior: o grosso do exercito vive lá fóra... »

E, assim, fui ao Hospicio. Havia lá uma curiosa exposição industrial: cousas todas feitas pelos loucos, industria de malucos, trabalho de alienados. Pois, em verdade, vós digo que são cousas mais bem feitas do que as minhas chronicas. Teem pelos menos uma revelação de mais equilibrado juizo. Transformar um pedaço bruto de pão, n'uma linda cesta, polida, artistica, aberta em flôres caprichosas, é obra mais ajuizada que transformar uma centena de palavras soltas, sem sentido, em uma duzia de phrases, em que as palavras, depois de unidas, teem ainda menos sentido do que quando soltas. Mas, não extravaguemos: vamos ao assumpto da chronica.

Fui ao Hospicio, e vi a exposição, e applaudi a iniciativa da administração, e felicitei o director, e dispuz-me a sahir, porque a minha obrigação de tudo ver não me permite demorar a vista em cousa nenhuma. Quando cheguei ao jardim, encaminei-me para o portão. E, nisto, um homem sympathico, que passeava, com as mãos nas costas e um cigarro apagado no canto da bocca, complimentou-me affavelmente, e pediu-me fogo.

Accendeu o cigarro, agradeceu-me o obsequio, e perguntou-me:

— Então, gostou da exposição?

Olhei, desconfiado, o meu interlocutor. Tenho ouvido contar tantas historias de loucos que parecem homens de juizo, que conversam sem maluquice com a gente, e que, de repente, mostram com estardalhaço o que são!... Por isso, olhei o meu interlocutor, desconfiado. Era um homem corpulento, velho, cara cheia de bondade e de pés de gallinha, um raro fulgor de intelligencia no olhar penetrante, um sorriso compadecido e meigo á flor dos labios. Vestia, com decencia, sobrecasaca preta abotoada, collarinhos altos modernos, plastron largo. Mas notei que parecia estar mal, dentro d'essas roupas de hoje: não estava á vontade. Depois, havia na sua physionomia qual-quer cousa muito velha, muito passada, que fallava de seculos mortos e de gerações desaparecidas. Não sei porque, por um desses presentimentos que se não explicam, comprehendí que

ia assistir a uma cousa phenomenal. Preságo, bateu-me o coração dentro do peito. O homem repetiu a pergunta:

— Gostou da exposição?

— Gostei... Realmente ninguem diria que loucos fossem capazes de trabalhar assim...

— Tem razão! tem razão! Os loucos hoje estão de tal modo desmoralizados, que, quando se vê um louco trabalhador-fica-se espantado... Antigamente, os loucos trabalhavam muito. Olhe: quando, em 1506, eu me formei em theologia na universidade de Bolonha...

— Como? — perguntei eu, aterrado.

— Quando, em 1506, eu me formei em theologia na universidade de Bolonha...— repetiu elle, com calma.

\*\*\*

Voltei-me desvairadamente para todos os lados, procurando fugir. Mas o meu interlocutor tomou-me o braço, e disse-me, com o seu sorriso compadecido e bom:

— Não fuja! Bem vejo que me está tomando por louco! Olhe, meu amigo, se eu lhe disser quem sou, creio que quem fica louco é o senhor...

Escancarei os olhos, e disse, tremulo de medo:

— Mas, então, o sr. formou-se em 1506?

Elle abanou a cabeça:

— Quer saber quando nasci? Nasci em 1467, em Rotterdam. Tenho, portanto, quatrocentos e vinte e oito annos.

— Mas quem é o senhor?

— Sou o Erasmo!

— Hein?

— Sou o Erasmo! o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura*! Fui padre, fui professor, viajei toda a Europa, servi Jacques IV da Escocia, Carlos Quinto, Fernando da Hungria, Segismundo da Polonia, Francisco I, Henrique VIII (grande maluco este! casou oito vezes!) o papa Clemente VII, um mundo inteiro! Imagine o meu amigo quanto louco não conheci eu n'essa longa vida accidentada! Escrevi o meu *Elogio da Loucura*, e morri. Quando cheguei á presença do Padre Eterno, Elle ordenou-me que voltasse ao mundo para purgar os meus peccados, durante mais dez gerações, e condemnou-me a viver com loucos. Estou ao mesmo tempo em todos os manicomios do mundo. Sou o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura*!

\*\*\*

Eu, acabrunhado e maravilhado, estava chato de assombro, chato, chato, como se sobre mim houvesse desabado o Zimborio da Candelaria. Em torno de nós, o sol flammejava nas ramarias do Jardim do Hospicio. Perto, o mar reboava. Que mysterio! pois não era mesmo que eu tinha diante de mim um homem que já morrera havia quatro seculos? Erasmo! o grande Erasmo!...

E Erasmo scismava. De repente, ergueu a cabeça:

— Pois é o que lhe digo! a loucura está desmoralizada! Veja bem! Antigamente, quando um homem enlouquecia, dava para fazer cousas que assombravam o mundo e o céu. Dante era louco e... (já vejo que se espanta com pouco.. Então, não cré que Dante fosse louco? pois Lombroso, outro maluco, não provou que todo o homem de genio é louco?) Vamos adiante! Dante era louco, e escreveu a Divina Comedia; Napoleão era louco e revolucionou o mundo. Hoje, a maluquice para que dá? Dá quando muito para fazer discursos revolucionarios nos cemiterios e para arranjar uma demissão-sinha... Já não ha malucos que prestem, meu amigo! — quer saber? creio que hoje, em toda a terra, só ha um agitado que mereça estudo: é aquelle imperador Guilherme da Allemanha... Aquelle sim! ao menos, tem originalidade... E, com esta, adeus! Vou a Bicêtre saber como passam as malucas francezas... Passe bem!

Apertou-me a mão com força, e ia retirar-se. Mas, deteve-se:

— Diga-me sempre: quem é o senhor? onde poderei encontrar-o, quando quizer continuar esta palestra?

— Sou *Fantasio*, d'*A Cigarra*. Quando quizer, Ouvidor 115...

\*\*\*

D'esta vez foi elle quem ficou espantado.

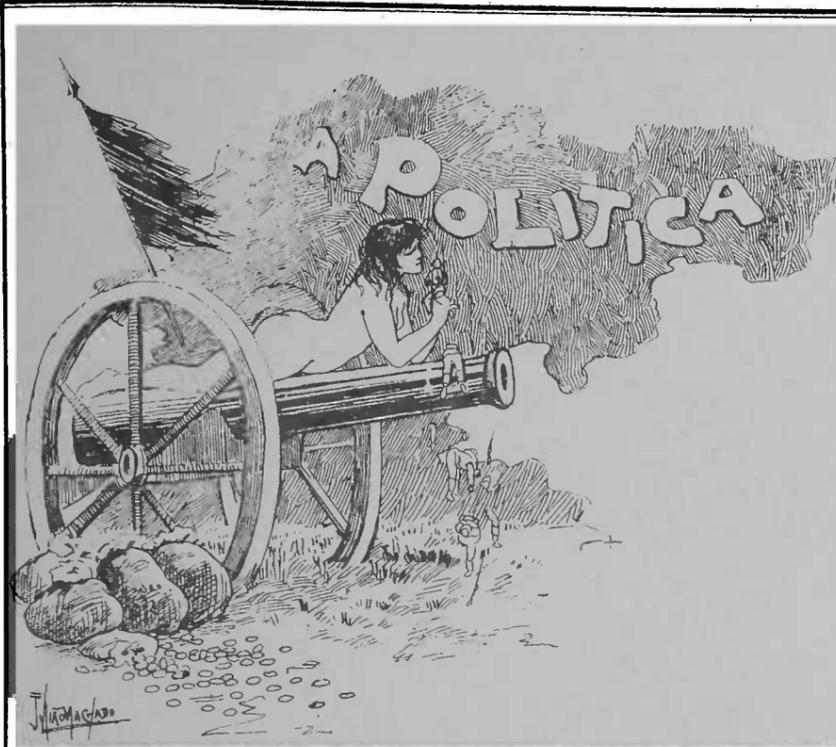
— Que? O sr. é jornalista? Coitado!...

E afastou-se de mim com medo. E já da porta, gritou:

— Tome cuidado! tome cuidado! a mania do jornalismo é a peor das loucuras! olhe que quem lhe diz isto é o auctor do *Elogio da Loucura*!

Desappareceu. Fiquei apatetado, olhando as arvores. Depois, vim escrever esta chronica. E o que lhes posso agora dizer é que não me sinto de todo bom do juizo. Creio que estou ficando louco. Até já tive vontade de fazer um *meeting* jacobino contra o vice-presidente da Republica...

*Fantasio.*



Temos prorrogação! Temos subsidio! (E tanto melhor, porque *A Cigarra* tem a honra de contar, entre os seus assignantes benemeritos, a fina fiôr do nosso parlamento!) Temos politica até 3 de novembro!

Data pessima! data nefanda! N'esse proximo dia 3 de novembro, celebrar-se-ha o anniversario do celebre golpe de estado com que o marechal Deodoro cortou as duzentas e não sei quantas cabeças da Hydra Parlamentar. Entre os que, n'essa epocha fatidica, fôram para o ostracismo, figuravam alguns d'estes mesmos senhores deputados, que ainda hoje promovem a felicidade geral da nação a setenta e cinco mil reis diarios. (Bem empregados! bem empregados! porque, enfim, quasi todos os Srs. Deputados e Senadores têm o bom gosto de destinar á assignatura annual d'*A Cigarra* quarenta e oito mil reis!) Este anno não ha receio de que o Presidente da Republica dissolva o Parlamento. O Parlamento tem, é verdade, respingado algumas vezes, contrariando a vontade presidencial,— mas tem respingado com modos, com decencia, sem grandes e affrontosos excessos de linguagem e de acção. De maneira que, quando chegar o dia 3 de novembro proximo, os Srs. Deputados e Senadores se dissolverão no pleno goso do seu mandato, apenas com o fim de irem gosar, na doce pacatez da provincia, um ocio brando, um repouso fecundo, um socego reparador das forças perdidas.

×

O mesmo succederá a esta secção d'*A Cigarra*. Eu, L. F., irei tambem dormir sobre os louros colhidos n'esta ardua campanha jornalística. Estou, portanto, escrevendo as minhas ultimas chronicas d'esta era parlamentar.

Aproveitemos o pouco tempo que ainda nos resta, ó minha penna! Cantemos a gloriosa bancada Rio Grandense,— essa illustre bancada que é a mais feroz, e, ao mesmo tempo, a mais bella da Camara!

×

N'estas questões da pacificação e da amnistia, a bancada rio-grandense tem sido de uma intransigencia que bem merece analyse. A convicção com que ella insiste pela condemnação e pelo exterminio dos adversarios do Sr. Julio de Castilhos dá que pensar.

E' preciso, de facto, que o Sr. Castilhos goze de bem pouca sympathia real no estado que governa, para que, de modo decisivo, sobre a sua permanencia no poder possa influir a absolvição de algumas centenas de homens desarmados, fracos, sem prestigio e sem disciplina. Quem se sente forte tem o perdão facil. Só se aniquilla o inimigo, que realmente é de temer, pelos recursos de que pôde dispor. Os jacobinos da Camara, do Senado, da imprensa e da rua, quando aqui chegou a noticia da celebração da paz, não fallaram em pacificação: fallaram em *submissão dos rebeldes*. Se elles se submeteram, claro é que o fizeram porque se sentiam já moral e materialmente vencidos. Então, a que vem o susto da jacobinada? Que mal haverá em deixal-os livres, sujeitos apenas á prudente vigilancia, sob a qual todo o governo, embora forte, tem o dever de manter os seus subordinados suspeitos de vicio revolucionario?

Então, porque falla a jacobinada de eliminar de uma vez os submettidos? Só é cruel quem é fraco! Só é sanguinario quem tem medo!

×

Quanto ao caso da amnistia plena ou restricta, vem aqui a pello umas considerações importantes. A bancada rio-grandense foi o centro da reacção contra a emenda do senado. Diz-se ainda que é ella o centro da reacção contra o proprio projecto Glycerio, que apenas concede amnistia restricta.

Eu sou o primeiro a achar que é uma imprudencia consentir que o sr. almirante Custodio venha para aqui commandar a esquadra nacional.

Não ha duvida que, considerando bem, e fallando com franqueza, o projecto Glycerio é perfeitamente razoavel e é o que mais justo parece. Não é de certo o melhor meio de acabar com o militarismo e com a indisciplina das classes armadas,— este de estar constantemente perdoando as revoltas militares.

Mas o parlamento amnistiou crimes peiores que o de indisciplina, quando approvou todos os actos praticados pelos agentes do Marechal de Ferro, durante a revolta. A indisciplina é um grande crime,— de accôrdo. Mas os fuzilamentos em massa, as crueldades de toda a sorte, o esbanjamento do dinheiro da nação, e outras deliciosas consequencias que decorreram dos muitos estados de sitio ultimos, são — é preciso confessal-o — crimes um pouco maiores.

Por isso é que a amnistia plena devia ser dada aos revoltosos, uma vez que não foi negada aos outros.

×

Não a quiz a bancada rio-grandense. Dizem mesmo que esse grupo de gaúchos, (tão bonitos, mas tão ferozes!) não quer amnistia de qualidade nenhuma. Quer que os rebeldes, em homenagem ao alto poder de Julio de Castilhos, se suicidem todos, mostrando assim uma submissão completa e definitiva ao Senhor do Rio Grande do Sul.

Ora, pois! a bancada está fazendo um papel de amigo urso.

Depois de berrar durante tres annos que Castilhos tinha forças para, por si só, esmagar a Revolução; depois de ver que o proprio Governo Federal, apezar de todas as suas tropas e de todas as suas munições, só por modos brandos e conciliatorios conseguiu a suspensão da lucta,— a bancada rio-grandense continua a bradar que só Castilhos é forte, que só Castilhos é amado e respeitado no seu Estado, que só Castilhos goza das sympathias do seu povo,— e, entretanto, tem medo de um punhado de homens desarmados... Ai! bancada da minh'alma! O que tu estás provando é que Castilhos só governa ainda o Rio Grande do Sul porque o Governo federal o sustenta!

×

Até a proxima quinta-feira. Mas não quero despedir-me sem declarar em altas vozes que no dia 13 d'este mez vou votar em

### JOSÉ DO PATROCINIO

para deputado pelo 2º districto. E declaro mais que todos os que me leem devem tambem votar n'esse candidato.

L. F.



# O' MÃES DE FAMILIA !...

OLHAE, OLHAE... EXAMINAE !...

ARMARINHO



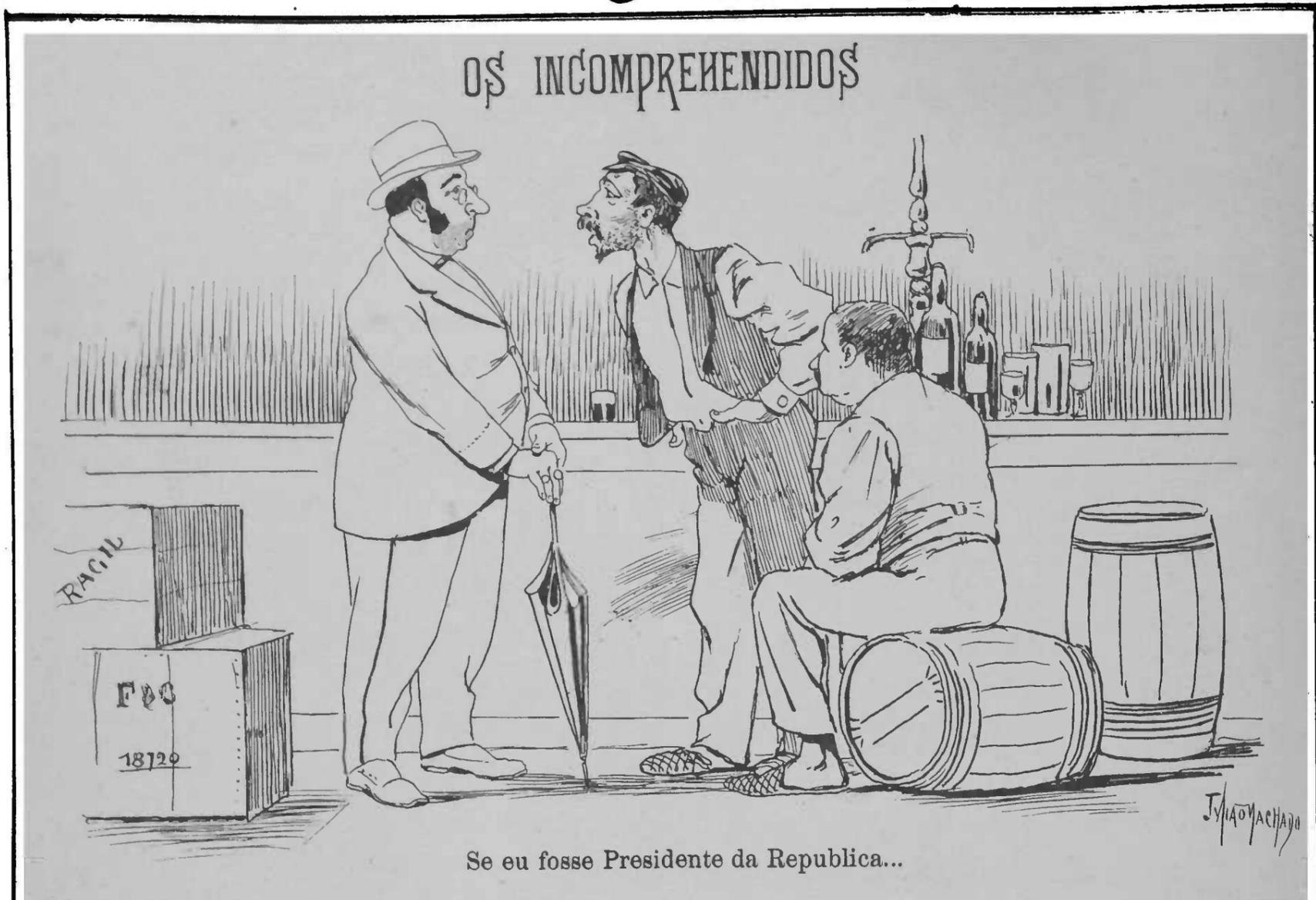
J. M. M. M. M.

— Esteja quieto, que a mamãe póde vêr !



Eh! Eh!

TUMACIAD



# ICEBERG

Esperança! No derradeiro dia,  
Após noites e ventos, ceus e mares,  
Nas ondas — branca flôr dos nenuphars, —  
Acha o naufrago aquillo que queria.

Exhausto, abarca, trepa, galga, e a fria  
Crôsta do blôco monta... Adeus, pezares!  
Adeus, morte! e a esperança dá-lhe esgares,  
Ri o misero á morte que o vigia.

Salvo! Mas onde a praia? O sol que o beija,  
Infeliz! sobre a gondola de neve  
Os mesmos raios, perfido, dardeja...

Cresce o mar, porque o gelo foge... Emfim,  
Que longa morte o desgraçado teve!  
— E ha corações que vão matando assim.

Suimaraens Sassoos.

Buenos-Ayres, 1895.

## ET TA SŒUR ?

Um periodico d'esta capital, que se publica em francez e que só muito tarde pudemos ler, dirige ao desenhista da *Cigarra* algumas linhas que pretendem ser-lhe desagradaveis, porque a *Cigarra* no seu numero ante-penultimo teve a ousadia de dar á estampa um soldado francez, a commentar, sobre os rochedos do Amapá, a entrada dos 1.800 exploradores de ouro.

A legenda escripta em francez nada tem de offensivo, nem á Marselhesa, nem á Torre-Eiffel, nem aos monsiús do periodico, que, parece, já exgotaram a provisão do famoso *espirito gaulez*, trazida dos boulevards. Entretanto zangaram-se, por terem o patriotismo muito á flôr da pelle (á flôr do «pêllo», leia-se) e pouco faltou para que nos mandassem os seus padrinhos.

Ora, para evitar complicações... pouco diplomaticas — A *Cigarra* lembra que tem a honra de não ser exclusivamente feita para os monsiús do periodico francez, e que o publico, que ella se préza de ter, conhece a differença que existe entre a troça que não molesta e a graçola pesada... embora gauleza. Seria pueril acreditar que o desenhista da *Cigarra* trouxe egoistamente dos boulevards de Paris todo o *espirito gaulez* que por lá existia no seu tempo.

Ai! não, caros monsiús — ainda por lá ficou muito!  
Ainda está longe o tempo em que os francezes deixarão de perguntar uns aos outros:  
— *et ta sœur?*

A CIGARRA

## OS VELHINHOS

Pobres dos velhinhos! Porque são velhinhos,  
vivem a sonhar  
com a sôpinha quente, com o frouxel dos ninhos,  
gozam.... em sonhar...  
Com voz tremulante chamam os netinhos,  
que andam a cantar,  
pelos trigaes louros, pelos ribeirinhos,  
brincam a cantar.

Com os olhos cerrados a avózinha reza  
noites e manhãs ;  
e cahe-lhe o roزاری, que nas mãos lhe pésa,  
todas as manhãs...  
Balem corderitos soltos na devêza,  
passam aldeans...  
e a avózinha branca, cheia de tristeza,  
vendo as aldeans,

moças fortes, rubras como as madrugadas,  
cujo fresco rir  
môstra trinta e duas perolas nevadas,  
que encantado rir !  
— a velhinha meiga, com as mãos enrugadas,  
para as attrahir,  
faz signaes de bençam... e ellas, namoradas,  
deixam-se attrahir.

— Vinde, filhas! vinde! vinde ouvir historias,  
lendas milagrosas de condões e glorias !

— Conta-nos de amores! conta-nos de amores!  
dize o teu passado de ventura e dores!

— Amores, filhas, são sarçaes de espinhos duros,  
envolvendo de todo uma celeste flôr:  
para se lhe chegar aos penetraes escuros,  
oh dôr! oh dôr!

passa-se a juventude, e é lueta a vida inteira,  
e desfallece a flôr sem que, da morte á beira,  
se lhe respire o olor!

Sangra o peito rasgado, a cabeça embranquece,  
treme de frio o ser que nenhum raio aquece,  
oh dôr! oh dôr!

e a ver brincar ao sol os trefegos netinhos,  
percorre, em pensamento, os andadõs caminhos  
da infancia no esplendor,

da mocidade alegre, a mocidade em flôr...  
Quanta illusão azul em urze transformada!  
quanta roza em botão sem pena espezinhada!  
oh dôr! oh dôr!

Ai! saudades do amor! Ai! saudades do amor!

E tremem da avósinhá as mãos aos céos erguidas,  
e correm-lhe na face as lagrimas doridas,  
contas de outro roزاری, e que lentas resvalam  
pelos sulcos da idade, onde mais alto falam  
que as bentas, ao Senhor!

E as camponeas rubras, com o olhar choroso,  
já não vão a rir.

— Ah! se o amor dos noivos fosse mentiroso!  
— E se a flôr murchasse sem ter vindo o esposo! —

Já não sabem rir!  
Cantam passarinhos ao cahir do dia,  
viça a madresilva, sôa a Ave-Maria.

Pobres dos velhinhos! Porque são velhinhos,  
vivem a sonhar  
com a sopinha quente, com o frouxel dos ninhos,  
gozam... em sonhar.  
Ao beijar as faces dos gentis netinhos,  
recordando amores, a chorar carinhos,  
morrem... a sonhar.

Adelina Vopes Vieira.



Musa! Porque inda vaes ao largo do Rocio  
Bocejar, de theatro em theatro vasio?  
Foi-se o Frégoli! Foi-se a Tiozzo! A Fuller (Ida)  
Foi-se! E, em largo tropel, aos trambolhões, fugida,  
Foi-se a *troupe* do Frank, — cavallos e palhaços...  
A que triste platéa has-de levar os passos,  
Musa? Restam-te agora apostrophes e prantos:  
Ou a Emilia Adelaide, ou a Ismenia dos Santos...

Nem sequer ouvirás Palmyra n' *A Cigarra* ;  
Souza Bastos de novo ao *trólólo* se agarra:  
E, para restaurar as enchentes que tinha,  
Ressuscita o *Tim-Tim* e *Os dias de Clarinha*...

Musa! a noite melhor, a noite que me chama  
E' a do beijo, a do amor, a do somno, a da cama!



Buch.

# AS QUATRO OPERAÇÕES



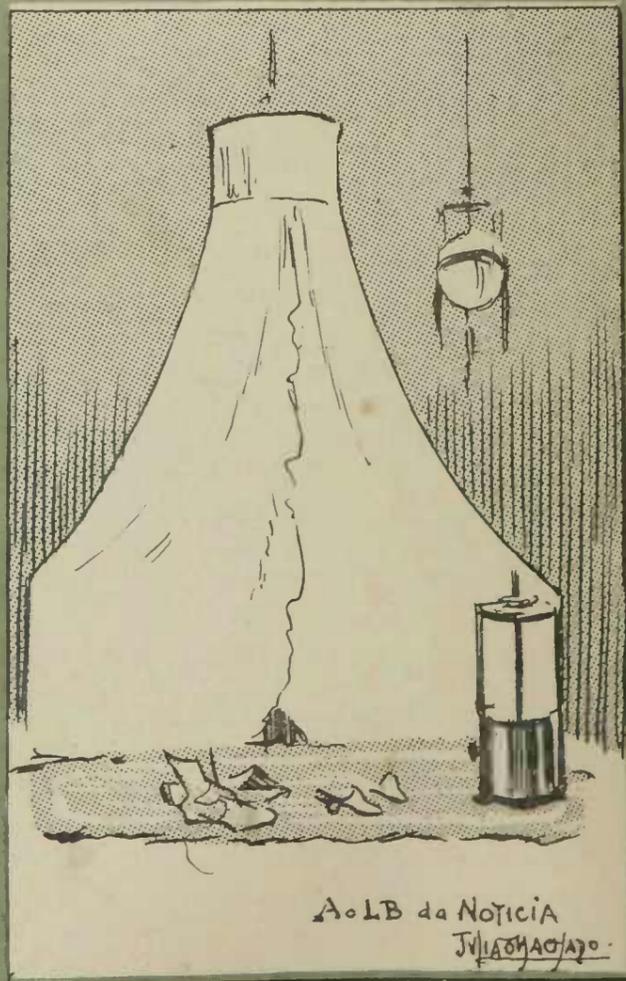
SOMMAR



DIMINUIR



DIVIDIR



MULTIPLICAR

Ao LB da NOTICIA  
JULIANO/1900